

Pensando um subespaço¹ do homem: reflexões sobre problemas socioespaciais das pequenas cidades da microrregião de Umarizal (RN)

José Erimar dos Santos*
Rita de Cássia da Conceição Gomes**
Maria José Costa Fernandes***
Rosalvo Nobre Carneiro****
Luiz Eduardo do Nascimento Neto*****

Resumo: Objetiva-se refletir sobre as pequenas cidades da Microrregião de Umarizal, abordando algumas de suas principais problemáticas, no âmbito da geografia urbana. O recorte metodológico adotado privilegia questões de âmbito econômico e socioespacial referentes, sobretudo às dimensões: educacional, habitacional, emprego, renda e saúde recorrendo-se, quando necessário, aos dados do IBGE, pesquisa bibliográfica e experiência empírica. O trabalho permitiu perceber que a referida microrregião geográfica passa por significativas deficiências ligadas aos serviços sociais, bem como ao mercado de trabalho e, portanto, espaciais, vinculados diretamente às questões problemáticas e de estagnação pertinentes ao próprio insignificante desenvolvimento e planejamento dos espaços que a formam.

*Aluno do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

**Professora Dr^a. do Departamento e do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da UFRN.

***Professora Ms. do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

****Professora Dr^a do Curso de Geografia da UERN.

*****Professora Ms. do Curso de Geografia da UERN.

Thinking a subspace for man: reflections on sociospatial problems of small cities from the microregion of Umarizal (RN)

Palavras-chave: Pequenas cidades; Serviços sociais; Microrregião de Umarizal

Key-words: Small towns; Social services; Microregion of Umarizal.

Abstract: Objective is to reflect on the small towns of the Microregion of Umarizal, addressing some of the main issues in the context of urban geography. The methodological approach adopted focuses on issues concerning the economic and sociospatial aspects, considering specially the following dimensions: education, housing, employment, income and health. Where necessary we make reference to IBGE data, to the literature of the area and also to empirical experience. The results reveal that this microregion undergoes significant deficiencies related to social services, as well as the labor market and therefore spatial, related directly to the question problems and of stagnation relevant to the insignificant development itself and the planning of the spaces that constitutes it.

¹ Entende-se que, sendo o espaço uma totalidade, este é constituído de subespaços, dentre os quais o urbano, o rural, a grande cidade, a pequena cidade etc. Segundo Santos (1988, p. 112. Grifo dos autores), quando fala, por exemplo, do espaço urbano afirma que este “[...] tem as condições requeridas (o aparelho terciário) para as relações com os

demais subespaços". Partindo dessa concepção, este trabalho entende a pequena cidade, a priori, como um subespaço dessa totalidade que é o espaço geográfico, evidentemente não separado-a e/ou desarticulado-a dos processos, que, hoje, ocorrem de forma interdependentes, conforme ligeiramente introduziu-se essa discussão no XVIII Encontro Estadual de Geografia e VI Jornada Geográfica, em 2011, realizado na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

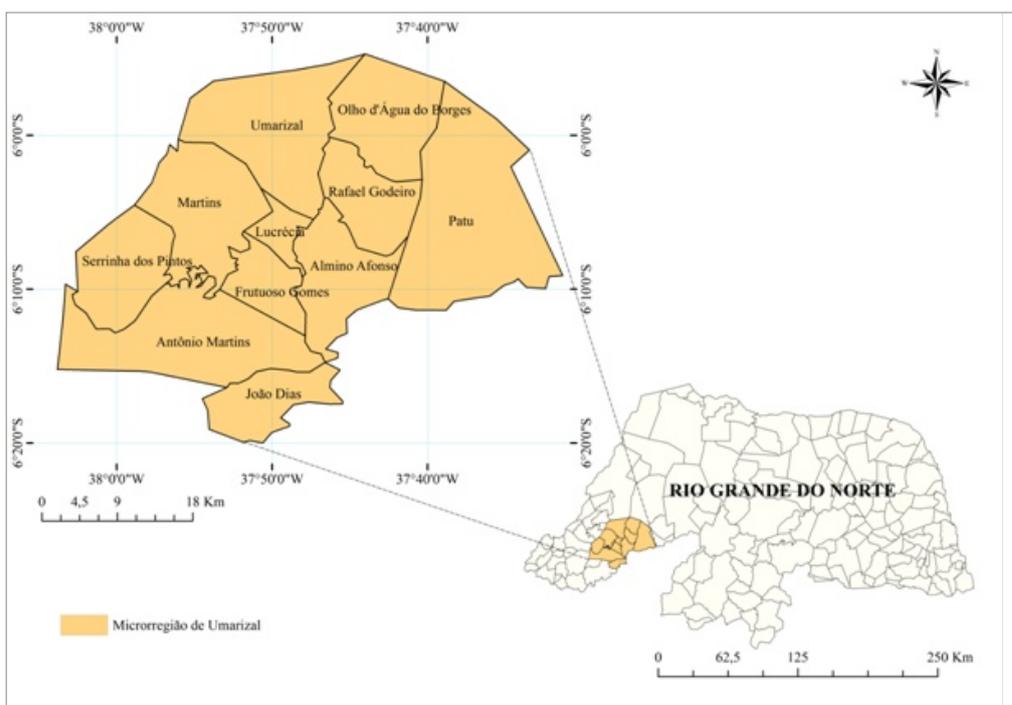
²As pequenas cidades têm uma trajetória pouco vasta na literatura geográfica urbana, a qual vem privilegiando estudos sobre médios e grandes centros urbanos, o que se deve ao fato de que as grandes aglomerações sempre despertaram mais atenção pela concentração de pessoas, contradições sociais, atividades modernas e meios difusores de idéias e ideologias, elementos esses que se reproduzem em diferentes escalas pelo restante do território brasileiro⁷ (BRIDI; SOARES, 2003, p. 1).

³ Além do critério populacional, que as denominam de pequenas cidades, as dinâmicas urbano-regionais realizadas por esses subespaços mediante à deficiência de serviços diversos foi também um dos motivos de realização dessa pesquisa, pois diariamente essas cidades se articulam a centros maiores buscando suprir carência em serviços. Somam-se a isso, as problemáticas socioespaciais percebidas empiricamente nesses subespaços.

Introdução

A discussão sobre as pequenas cidades, até os anos de 1990, era quase inexistente no âmbito da academia, em especial no contexto da produção do conhecimento geográfico (BRIDI; SOARES, 2003)² e (SILVA; GOMES; SILVA, 2010). No entanto, embora alguns estudos venham sendo efetuados, ainda há muito o que se discutir sobre as pequenas cidades. Em especial, no que se refere aos problemas nelas existentes, relacionados diretamente às questões de caráter social e econômico, os quais discute-se alguns, a partir desses subespaços que formam a Microrregião geográfica de Umarizal, localizada no Estado do Rio Grande do Norte, Brasil.

Nesse estado da região Nordeste a maioria das cidades, sedes dos municípios são consideradas como pequenas cidades, uma vez que possuem menos de vinte mil habitantes, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), fato esse, dentre outros³, que possibilitou a realização deste trabalho. Assim sendo, localizada na porção oestana desse mesmo estado (Mapa 1), essa microrregião é composta por 11 municípios, todos com população urbana inferior a 20.000 habitantes, isto é, por pequenas cidades, conforme parâmetros de órgãos oficiais – (IBGE, 2010) e Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (IDEMA/RN).



Mapa 1 – Localização geográfica da microrregião de Umarizal, segundo o IBGE (2007)
Fonte: IBGE (2007), Pesquisa de Campo, 2011.

Como se percebe no mapa 1, a contextualização espacial da pesquisa em tela abrange uma área, cuja característica apresentada no referido mapa é reveladora de uma porção do Estado do Rio Grande do Norte marcada por pequenos municípios e, portanto pequenas cidades.

Segundo o Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, o Estado do Rio Grande do Norte conta com 167 municípios, cujas sedes são oficialmente consideradas cidades. Desse total, 152 possuem população inferior a 20.000 habitantes.

Vale ressaltar que no Brasil, segundo o economista José Eli da Veiga, “[...] considera urbana toda sede de município (cidade) e de distrito (vila), sejam quais forem suas características [...]” (VEIGA, 2003, p. 31). Ainda para esse mesmo autor, em nosso país a definição vigente “[...] de ‘cidade’ é obra do Estado Novo. Foi o Decreto-Lei 311 de 1938, que transformou em cidade todas as sedes municipais existentes, independentemente, de suas características estruturais e funcionais” (VEIGA, 2003, p. 63).

No entanto, antes de abordar o conjunto dessas cidades no referido Estado, é oportuno tecer algumas considerações sobre o tema pequenas cidades, uma vez que, há várias concepções conceituais e metodológicas sobre esses subespaços.

Pequena cidade: breves considerações

Observando a literatura acerca da discussão sobre pequenas cidades, percebe-se que algumas peculiaridades, do ponto de vista metodológico e conceitual, se caracterizam como divergentes entre si, conforme mostram algumas considerações a seguir.

Partindo dos critérios populacionais, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) define a pequena cidade como sendo aquele aglomerado populacional composto de população inferior a 20.000 habitantes. Desse número, até 500.000 habitantes é nomeado nomeia de cidades médias e acima de 500.000 habitantes, denomina de grandes cidades.

Comungando com esse critério de classificação das pequenas cidades enquanto tal, Maia (2005), assegura que não se deve deixar de considerar o critério populacional, no estudo das pequenas cidades. No entanto, afirma também que não é correto partir somente dele, sendo importante levar em consideração outras especificidades, como o seu caráter relacional com outras pequenas cidades e centros maiores.

Como um dos primeiros esforços, no âmbito da ciência geográfica, concernentes às pequenas cidades pode-se destacar a obra: Espaço e Sociedade: ensaios, do geógrafo brasileiro Milton Santos (1979). Em capítulo intitulado: As Cidades Locais no Terceiro Mundo: o caso da América Latina, esse pesquisador esforça-se, sobretudo do ponto de vista teórico em construir uma definição e/ou externar uma concepção de cidade pequena, que o mesmo chama de “cidade local”. Segundo ele, a cidade local corresponde à “[...] aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações” (SANTOS, 1979, p. 71). Vida de relações significa, portanto, conceber as pequenas cidades, antes de tudo, como um espaço, pois “sem relação não há espaço [...]”, conforme já ensinou Baudrillard (2008, p. 25). Assim, essa abordagem difere aquela do IBGE, uma vez que esse órgão opta exclusivamente pelo viés quantitativista.

Entende-se, hoje, como essas necessidades vitais mínimas aquilo que a Associação Brasileira de Normas Técnicas, documento NBR 9284 de março de 1986 denominou de equipamento urbano. Ou seja, “todos os bens públicos e privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público [...]” (NBR 9284 – ABNT, 1986, p. 1), sejam em espaços públicos ou privados.

Comentando sobre essa norma, Melo (2008, p. 343), afirma que os equipamentos urbanos anteriormente definidos, contemplam categorias como: “circulação e transporte; cultura e religião; esporte e lazer; infraestrutura (sistema de comunicação, energia, iluminação pública,

⁴ Segundo o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA, 2006, p. 1) “A região do Alto Oeste é formada por 36 (trinta e seis) municípios, sendo eles: Água Nova, Alexandria, Almino Afonso, Antônio Martins, Coronel João Pessoa, Doutor Severiano, Encanto, Francisco Dantas, Frutuoso Gomes, Janduís, João Dias, José da Penha, Lucrécia, Luiz Gomes, Major Sales, Marcelino Vieira, Martins, Messias Targino, Olho D’Água dos Borges, Paraná, Patu, Pau dos Ferros, Pilões, Portalegre, Rafael Fernandes, Rafael Godeiro, Riacho da Cruz, Riacho de Santana, São Francisco do Oeste, São Miguel, Serrinha dos Pintos, Taboleiro Grande, Tenente Ananias, Umarizal, Venha Ver e Viçosa”. Dentro dessa região, se localiza o recorte espacial aqui estudado, a Microrregião de Umarizal.

⁵ O Agreste Potiguar é uma das Mesorregiões geográficas do Estado do Rio Grande do Norte

⁶ Acerca de uma leitura mais abrangente sobre as pequenas cidades, sobretudo no Estado do Rio Grande do Norte, ver Pequenas cidades: uma abordagem geográfica, de organização de Anieres Barbosa da Silva, Rita de Cássia da Conceição Gomes e Valdenildo Pedro da Silva (2010). Essa obra trata de uma temática que ainda é considerada pouco discutida na literatura geográfica brasileira, tendo em vista a literatura urbana privilegiar mais os temas ligados às médias e grandes cidades. Reuni artigos de diversos autores, sendo, pois, importante no estudo dos processos geográficos que envolvem a reprodução espacial das pequenas cidades do Rio Grande do Norte.

saneamento); segurança pública e proteção; abastecimento; assistência social; administração pública; educação” e, ainda, saúde. É evidente que muitas pequenas cidades brasileiras e, sobretudo aquelas localizadas no Nordeste desse país, apresentam esses equipamentos ainda de maneira deficitárias ou insuficientes, realidade que vale para o país, de uma forma geral. Principalmente, em relação à saúde e educação, embora as estatísticas do IBGE mostrem melhorias desses equipamentos nos últimos anos.

Tendo como base Santos (1979), e outros autores, Gonçalves (2005, p. 20) concebe a cidade pequena como “[...] uma das dimensões socioespaciais, geradas pelo processo histórico de produção do espaço urbano e regional”. As pequenas cidades da Microrregião de Umarizal tiveram sua gênese ligada aos processos de produção do espaço regional, ou seja, aos processos de fragmentação territorial, inicialmente pelo município de Portalegre (GOMES, 1998; IICA, 2006), que gerou os municípios e cidades que hoje compõem essa microrregião potiguar e outros territórios constituintes da Região do Alto Oeste Potiguar⁴.

Acrescenta, ainda, Gonçalves (2005, p. 20), estudando o perfil urbano do Agreste Potiguar⁵, que “as dimensões espaciais, o número de habitantes, a pouca diversidade de funções urbanas, a dependência de um centro maior, a temporalidade lenta, a relação com a vida rural e a proximidade entre as pessoas”, são os principais elementos que caracterizam pequenas cidades, analisando essa categoria de cidade nessa mesorregião potiguar⁶.

Dessa forma, esse conjunto de elementos é muito expressivo nas pequenas cidades da Microrregião de Umarizal. A dinâmica socioespacial que os municípios e, neste caso, as sedes urbanas dos mesmos apresentam liga-se sobremaneira a esses elementos inerentes à configuração desses subespaços, enquanto cidades dessa categoria.

Outro ponto referente às pequenas cidades, no sentido metodológico e conceitual é aquele destacado por Pereira (2008, p. 2), para quem, ao discordar da visão de Santos (1979), afirma: Ainda com relação à discussão metodológica e conceitual sobre as pequenas cidades, vale ressaltar aquela apresentada por Pereira (2008, p. 2), que ao discordar da visão de Santos (1979), afirma:

[...] não podemos adotar, de forma generalizada, o conceito de cidades locais, utilizado por Santos (1979) [...] esse conceito pode ser aplicável nas áreas de maior modernização, todavia há um grande número de cidades que não apresentam inovações sendo que, em muitos casos, não possuem sequer a capacidade de suprir sua população com a oferta de serviços e produtos de consumo básico.

Essa autora propõe ainda que sejam levadas em conta algumas características no estudo das pequenas cidades, entre elas: a baixa oferta de serviços de saúde, de segurança e de educação, como também, a pouca articulação que essas categorias de cidades têm com o seu entorno, incipientes atividades econômicas e a grande predominância do rural; características essas predominantes na Microrregião em estudo.

Mediante o que foi discutido, percebe-se que a literatura concernente à discussão metodológica e conceitual sobre pequenas cidades centra-se, dentre outros aspectos, numa discussão referente à pequenas cidades e à cidades locais. No entanto, opta-se por esse primeiro conceito (pequenas cidades) entendendo-o mediante as relações que são estabelecidas no âmbito da divisão territorial do trabalho que se processam no contexto urbano-regional, o qual a cidade encontra-se inserida, muito embora levando-se também em conta o parâmetro quantitativista do IBGE. Ressalta-se ainda, o estágio das dinâmicas maiores do

espaço, sobretudo nesse meio técnico-científico-informacional⁷ (SANTOS, 2009). Partindo disso, busca-se refletir um pouco sobre as cidades da Microrregião de Umarizal, destacando seus principais problemas, à luz de uma análise geográfica.

Reflexões sobre problemas socioespaciais das pequenas cidades da microrregião de Umarizal (RN)

A Microrregião de Umarizal caracteriza-se, assim como outras microrregiões potiguares, por disparidades econômicas, políticas, sociais, culturais, físicas etc. Observando o quadro urbano dessa microrregião, nota-se que existem 8 cidades, isto é, unidades urbanas com população inferior a 5.000 habitantes, quais sejam: Almino Afonso, Antônio Martins, Frutuoso Gomes, João Dias, Lucrécia, Olho d'Água do Borges, Rafael Godeiro e Serrinha dos Pintos (Tabela 1).

Municípios	Pop. 2000	Homens	Mulheres	Pop. Urbana	Pop. Rural	Pop. 2010
Almino Afonso	5.195	2.499	2.381	3.488	1.392	4.880
Antônio Martins	6.757	3.494	3.413	3.784	3.123	6.907
Frutuoso Gomes	4.580	2.072	2.161	2.812	1.421	4.233
João Dias	2.596	1.279	1.322	1.167	1.434	2.601
Lucrécia	3.218	1.829	1.804	2.280	1.353	3.633
Martins	7.725	4.045	4.183	5.046	3.182	8.228
Olho d'Água dos Borges	4.461	2.214	2.087	3.243	1.058	4.301
Patu	11.171	5.886	6.078	10.159	1.805	11.964
Rafael Godeiro	2.953	1.541	1.529	1.929	1.141	3.070
Serrinha dos Pintos	4.295	2.291	2.247	2.402	2.136	4.538
Umarizal	11.092	5.224	5.445	9.084	1.585	10.669
Total	64.043	32.374	32.650	45.394	19.630	65.024
Total RN	2.776.782	1.548.731	1.619.402	2.465.439	702.694	3.168.133

Tabela 1 – Microrregião de Umarizal: distribuição da população por município, sexo e situação do domicílio, 2010
Fonte: IBGE, Resultados do Censo 2010.

Os dados da tabela 1 mostram que a Microrregião de Umarizal não se apresenta como uma região densamente povoada, detendo apenas 2,05% do total da população potiguar, bem como ainda 2,09% do total dos homens, 2,02% das mulheres, 1,84% da população urbana e 2,79% da população rural, desse mesmo Estado. Outra constatação importante é a de que, dos 7 municípios que também possuem uma população inferior a 5.000 habitantes, 4 deles apresentaram, em 2010, crescimento populacional negativo, isto é, não aumentaram sua população em relação ao Censo de 2000 e o de 2010, é o caso de Almino Afonso, Frutuoso Gomes, Olho d'Água do Borges, e Umarizal⁸. Já no que diz respeito à situação do domicílio, apenas João Dias apresenta a maior parte de sua população concentrada na área rural, ao passo que os outros 10 municípios têm a maior parte de sua população concentrada na sede urbana. Ou seja, o que ocorre com as cidades da referida Microrregião é um fato que ocorre com os demais subespaços dessa natureza presentes no Estado, de uma forma geral, e também em

⁷ O meio técnico-científico-informacional refere-se à denominação desse espaço geográfico atual, resultante da intensidade, em sua estrutura, da aplicação da tecnologia, da ciência e da informação no processo produtivo, que não se restringe apenas à esfera produtiva, mas na vida cotidiana das pessoas, resultante do tempo/período atual de mesmo nome, que diz respeito ao tempo atual do espaço geográfico, cuja natureza é técnica, científica e informacional, conforme Santos (1994; 2008; 2005; 2009) e Santos e Silveira (2002). Para Santos (2005, p. 121), a partir do final da Segunda Guerra Mundial “o território vai se mostrando cada dia que passa com um conteúdo maior em ciência, em tecnologia e em informação”. Segundo ele, a componente informação é quem vai ser, nesse período, o grande regeador das ações que definem novas realidades espaciais, dando ao meio e aos seus objetos e ações uma organização típica desse processo. Assim, o meio técnico-científico-informacional é, portanto, “um meio geográfico onde o território inclui obrigatoriamente ciência, tecnologia e informação” (SANTOS, 2008, p. 41), resultante do período/tempo de mesmo nome. Essa realidade se faz presente não apenas nos grandes centros urbanos, mas também, embora de forma incipiente, nas pequenas cidades, como é o caso, nos dias atuais, da presença e uso de aparelhos celulares e torres de celulares, atreladas sobremaneira ao conteúdo informação.

⁸ Esse fato se dá em sua maioria em função do processo de deslocamento da população para outros municípios, que por sua vez pode ser explicado, dentre outros motivos, pela migração da

população local para núcleos urbanos maiores do estado, que apresentem e atendam suas necessidades, principalmente as de empregos e oportunidades de estudos em nível superior, não encontrados nessas cidades, com exceção de Patu, que possui um campus da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

⁹ Para Silva, Gomes e Silva (2001, s/p), estudando as pequenas cidades do Rio Grande do Norte enquanto lugares geográficos, “esse quadro revela uma realidade expressa numa divisão social do trabalho simples, mantendo uma dependência muito forte do setor agrário, uma vez que essas cidades, como sedes administrativas dos municípios, têm uma economia predominantemente agrícola, voltada para a subsistência, e uma pecuária extensiva de pouca expressividade”.

¹⁰ A presença de currais, jumentos e carroças é constante nessas pequenas cidades, o que denota sua forte relação com o meio rural, fato que acontece também com grandes cidades brasileiras. A esse respeito, ver Maia (2000).

¹¹ Acerca dos equipamentos sociais e planejamento na pequena cidade, ver Gomes (2010).

parte do Brasil, cujas características somam-se aos vários problemas vivenciados pela sua população⁹.

Esse retrato evidencia, ainda, o predomínio de aglomerações urbanas pequenas, marcadas por frágeis dinâmicas sociais e econômicas. Uma vez que, essas cidades têm suas economias voltadas, sobretudo para a agropecuária¹⁰, além das aposentadorias, benefícios do governo federal e aqueles serviços públicos municipais e estaduais em escolas, creches, postos de saúde dentre outros. Além de migrações sazonais que ainda ocorrem com frequência nesses espaços. Tal fato relaciona-se àquilo que Santos (1994, p. 121) já tinha verificado, ou seja,

A urbanização crescente é uma fatalidade neste País, ainda que essa urbanização se dê com o aumento do desemprego, do subemprego e do emprego mal pago e a presença de volantes nas cidades médias e nas cidades pequenas. Este último é um dado ‘normal’ do novo mercado de trabalho unificado, bóias-frias etc. não são recrutados por intermediários. Esse mercado urbano unificado e segmentado leva a novo patamar a questão salarial, tanto no campo como na cidade. O fato de que os volantes vivendo na cidade sejam ativos na busca por melhores salários, constitui também dado dinâmico na evolução do processo de urbanização, como no processo político do País.

Os problemas pertinentes à Microrregião de Umarizal relacionam-se ainda às questões de âmbito dos serviços de saúde, segurança, educação, habitação, emprego e renda, associados à falta de planejamento adequado. Isso faz com que uma série de relações sejam estabelecidas no contexto urbano-regional, das quais as pequenas cidades apresentam-se como espaços desprovidos e carentes desses serviços, fazendo sua população os buscarem em outros espaços urbanos maiores, em nível de região e estado, como é o caso de Mossoró e Natal, em busca desses serviços. Tal realidade fez com que surgisse, nessas pequenas cidades, um tipo de serviço – o transporte alternativo –, que não era verificado em épocas passadas, ligando diariamente esses subespaços aqueles maiores. Assim, o enfraquecimento e a precariedade são as características principais do desenvolvimento econômico e socioespacial dessas pequenas cidades¹¹, fazendo-as estabelecerem dinâmicas urbano-regionais diversas, no sentido de complementaridades em relação à deficiência dos referidos serviços .

É fundamental pensar nesses fatos, para que boa parte dos problemas sejam resolvidos, ressaltando desde já, que o Estado, (sobretudo esse Estado democrático-capitalista, balizado nas ideias falaciosas de igualdade e de direitos para com os cidadãos, a partir do governo do povo), será de fundamental importância no entendimento dessas problemáticas. Isso porque, na produção e reprodução da pequena cidade é esse tipo de Estado quem promove as suas principais dinâmicas.

Com relação à segurança, é importante destacar que já não é mais somente um problema da cidade grande. As pequenas cidades também contam com essa problemática. No caso específico da microrregião, a violência tem assumido características bastante peculiares, porém com temporalidades semanais, tais como – roubos de motos, principalmente, assaltos às agências bancárias, dentre outros, o que deixa parte da população amedrontada e insegura.

Na cidade de Umarizal, considerada o polo dessa região pelo IBGE, isso tem se apresentado como um dos mais expressivos problemas hoje vivenciados pela população; sendo o principal fator de insegurança e medo, decorrência, sobretudo do alcoolismo, posse de armas por civis e a comercialização de drogas já bastante visível nessa cidade, aliado ao policiamento insuficiente no sentido de atender ao número de ocorrências, conforme já perceberam

Cavalcante e Carneiro (2010). Sendo assim, é necessário um investimento maior por parte do governo do Estado na área de segurança pública dessas cidades, especialmente na referida cidade.

A questão habitacional também se configura como outro problema de grande expressão nas pequenas cidades. No entanto, é importante destacar que esse problema embora seja significativo no que diz respeito à quantidade, merece destaque a questão da qualidade da moradia, pois há uma precariedade muito grande nas condições de moradia de parte da população. Em algumas cidades a casa de taipa ainda se faz presente.

Para resolver o problema da habitação os governos municipais em parceria com os governos federais e estaduais têm implementado a construção de pequenos conjuntos habitacionais (Figura 1), o que resultou num novo processo de organização do espaço que vem se dando nas pequenas cidades, não somente dessa microrregião, mas no Estado de uma forma geral. Verifica-se no entorno dessas cidades conjuntos habitacionais construídos pelo governo municipal local, que do ponto de vista da geografia urbana, pode-se chamar de áreas segregadas. Uma vez que se configuram como locais de moradias afastados daquelas habitações mais antigas do lugar e, por isso apresentam alguns problemas, especificamente, relacionados ao saneamento e à ocupação. Porque essas moradias encontram-se, em grande parte, situadas em áreas próximas a leitos de rios não perenes, entre outras situações.



Figura 1 – Vista parcial de conjunto habitacional na cidade de Umarizal
Fonte: Pesquisa de Campo, 2011.

Os problemas elencados resultam em desafios aos gestores urbanos. Problemas urbanos, como por exemplo, aqueles relacionados à habitação popular, à saúde, à educação para os filhos dos trabalhadores e trabalhadoras, às alterações nos padrões culturais que são fruto em parte de uma educação proveniente de programas televisivos (novelas), e aqueles relacionados à dinâmica social e espacial da cidade merecem mais cuidados e atenção. Isto é, necessitam de mecanismos de gestão urbana, para que essas problemáticas, ainda em fase inicial, sejam acompanhadas por uma equipe de planejadores que organizem o espaço urbano dessas pequenas cidades e que planejem a cidade de acordo com as perspectivas futuras de expansão. Visando evitar ocorrências de problemas mais sérios, já exemplificados por aqueles que ocorrem nas cidades médias e grandes, no Estado e país¹².

Assim, as pequenas cidades da Microrregião de Umarizal, não possuem impactos e/ou problemáticas como aqueles verificados nas grandes cidades, como grande quantidade de veículos nas ruas provocando congestionamentos, fato já verificado nas ruas da capital do estado – Natal –, sobretudo no intervalo de tempo das 7h 30min às 8h e 30min. Porém, possuem grandes carências em distribuição de infraestrutura urbana, como rede de esgoto e água, de infraestrutura de habitação¹³, problemas ambientais gerados pela estrutura deficiente das cidades, deficiência nos serviços de saúde, educação e emprego.

¹² Sobre o planejamento que vem sendo efetivado nas pequenas cidades potiguares, sobretudo aquele que se refere aos setores de saúde, de educação e de lazer, ver Gomes (2010).

¹³ Acerca das condições de moradias a nível das pequenas cidades do Rio Grande do Norte, consultar o trabalho de Gomes e Paiva (2009).

¹⁴ Estes, eleitos, como os demais políticos do país, através do voto, que conforme as palavras de Bobbio (2000, p. 372), “o voto, ao qual se costuma associar o relevante ato de uma democracia atual, é o voto não para decidir, mas sim para eleger quem deverá decidir”. Decidir as questões econômicas e, sobretudo socioespaciais dessas cidades, capacidade esta adquirida através do voto, dessa representatividade que decide quem deverá ter o poder de decisão.

A urbanização vista do ponto de vista do crescimento populacional verificado nas pequenas cidades da Microrregião de Umarizal é marcada, ainda por deficiência de equipamentos urbanos, sobretudo redes de esgotos, pois esses serviços não são priorizados em algumas dessas pequenas cidades. Isso é notório quando adentra-se nessas cidades e, principalmente, em alguns de seus conjuntos habitacionais, o que resulta em riscos de saúde a sua população. Tal fato é decorrente da falta de recursos financeiros do poder público, conforme enfatizam alguns gestores e/ou falta de interesse em solucioná-los, uma vez que isso não é verificado em todos esses subespaços, conforme pesquisa de campo realizada em 2011.

A dependência da população em relação à prefeitura é outro problema constante nas pequenas cidades dessa microrregião. Essa dependência decorre, principalmente, devido à precariedade dos serviços públicos prestados, em especial, os serviços de saúde que é uma realidade em nível de Brasil e, especificamente, nesses subespaços. Isso faz com que a população esteja sempre a depender dos prefeitos¹⁴ dessas cidades, nas concessões de consultas médicas, autorizações de exames, doações de remédios, dentre outros.

Aliado a isso, à falta de uma dinâmica econômica e financeira nessa região tem repercutido no agravamento desse e de outros de seus problemas. Hoje, a Microrregião de Umarizal vivencia o tráfico de drogas que se dá na sua cidade polo – Umarizal. Somado à prostituição, o desemprego, à falta de saneamento básico, o alcoolismo e a dependência dessas cidades para com o do Fundo de Participação do Município (FPM), resultam numa realidade que precisa ser pensada e discutida, sobretudo por estudiosos e gestores junto à população local. Tais evidências são comprovadas mediante conversas informais com a população dessa unidade geográfica (a referida Microrregião), necessitando, pois de mais estudos e intervenções.

Em suma, a partir destas ligeiras exposições sobre a realidade vivenciada pela Microrregião de Umarizal, pode-se perceber o quanto é fundamental pensar e refletir esses subespaços humanos – as cidades pequenas –, sendo essas problemáticas aqui ligeiramente discutidas, reflexos do deficiente desenvolvimento econômico, presente na região aliado de uma gestão municipal mais deficiente do ponto de vista do compromisso político de parte daqueles que administram suas cidades. A ausência de tais catalisadores no processo de melhoria da vida daqueles que habitam, produzem e reproduzem esses subespaços, afeta diretamente tais sujeitos necessitando-se, pois de intervenções.

Considerações finais

O trabalho realizado permitiu uma melhor compreensão da realidade social e econômica das pequenas cidades da Microrregião de Umarizal. Em especial, aquela realidade relacionada aos serviços, no sentido de se perceber um pouco das principais deficiências econômicas, sociais, políticas e, portanto, espaciais, vinculadas diretamente às questões problemáticas e de estagnação do desenvolvimento e planejamento da referida microrregião.

Ficou evidente que as pequenas cidades dessa microrregião têm como toda cidade tem, “um pouco de outras cidades” (CALVINO apud FREITAS 2000, p. 43). No entanto, do ponto de vista relacional, as singularidades dessa microrregião não a torna subespaços isolados, mas a inter-relaciona com centros de consumo e serviços maiores e/ou mais providos desses equipamentos, no sentido de suprirem carências e/ou problemáticas, das quais essa pequena reflexão procurou mostrar.

Assim, as reflexões aqui contidas emergem como um convite a uma discussão dos principais problemas que foram tecidos. Uma vez que pode contribuir para o debate de estudos de casos em/sobre pequenas cidades, nas diferentes e diversas microrregiões potiguares, que por sua vez são unidades espaciais extremamente importantes presentes no Brasil e em especial no Rio Grande do Norte. Assim, é a geografia urbana um campo do saber geográfico adequado para essa reflexão e discussão, no âmbito da Ciência geográfica.

Nesse sentido, as pequenas cidades da microrregião analisada carecem de mais estudos geográficos, pois o processo de produção, organização e dinâmica, concernentes à produção e reprodução de seus espaços e aos seus problemas dinamiza-se e afeta sua sociedade. Por isso, necessitam de serem mais estudadas, debatidas e refletidas e, com isso, deixa-se aqui este convite, inserindo-se no mesmo.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). Equipamento urbano: classificação. NBR, 9284, março de 1986. Rio de Janeiro: ABNT, 1986.

BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos objetos. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BOBBIO, Norberto. Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos. 10. ed. (Org. por Michelangelo Bovenio, tradução Daniela Beccaccia Versiane). Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

BRIDI, Juliana; SOARES, Beatriz Ribeiro. Transformações sócio-espaciais nas pequenas cidades do Triângulo Mineiro: um estudo em Tupaciguara. In: II Simpósio Regional de Geografia, 2003, Uberlândia. Anais... 26 a 29 de Novembro de 2003.

CAVALCANTE, André Alexandre de Oliveira; CARNEIRO, Rosalvo Nobre. Umarizal: Medo, Insegurança e Violência. In: Anais do III Seminário Pensando a Geografia e seus conceitos-chave: o período técnico-científico-informacional e o ensino de Geografia, 2010. p. 37-43.

FREITAS, Nilson Almino de. Sobral: opulência e tradição. UVA, Sobral, 2000.

GOMES, Rita de Cássia da Conceição. Fragmentação e gestão do território no Rio Grande do Norte. Tese (doutorado em organização do espaço). Rio Claro: UNESP, 1998.

_____. Planejamento urbano e equipamentos sociais nas pequenas cidades do Rio Grande do Norte. Revista Scripta Nova. Vol. XIV, nº. 331 (58), Barcelona, 2010. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-331/sn-331-58.htm>. Acesso em 19 de junho de 2011.

GOMES, Rita de Cássia da Conceição. PAIVA, Maria Cristina Pereira de. Pobreza e Desigualdades sócio-espaciais: um estudo das condições de moradia nas pequenas cidades do Rio Grande do Norte. Anais do EGAL, 2009. Disponível em: http://egal2009.easyplanners.info/area05/5481_RITA_GOMES.pdf. Acesso em 24 de junho de 2011.

GONÇALVES, Francisco Ednardo. Cidades pequenas, grandes problemas: perfil urbano do agreste potiguar. 2005. 173 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Rio Grande do Norte: malha municipal digital, 2007, Projeção Geográfica SIRGAS 2000 ArcView, Shp2007E2500. Disponível em: <ftp://geofp.ibge.gov.br/mapas/>. Acesso em 25 de junho de 2011.

_____. Censo 2010. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=25. Acesso em 16 de novembro de 2010.

_____. Estatísticas Populacionais. Disponível em: www.ibge.gov.br/seculoxx/estatisticas_p... Acesso em: 04/12/2010.

INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA (IICA). Rio Grande do Norte. Secretaria de Estado do Planejamento e das Finanças. Plano de desenvolvimento sustentável da região do Alto Oeste. Diagnóstico. Volume 2, Natal-RN, ano 2006. 268p.

MAIA, Doralice Sátyro. Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa-PB. 2000. 338p. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. Cidades pequenas: como defini-las? Apontamentos para o estudo sobre as pequenas cidades no Brasil. SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA. IX. 2005, Manaus. Anais... Manaus: 18 a 21 out. 2005.

MELO, Nágela Aparecida de. Pequenas cidades da microrregião geográfica de catalão (Go): análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas. 2008. 513 f. Tese (Doutoramento em Geografia). Instituto de Geografia/UFU, Uberlândia/MG.

PEREIRA, Anete Marília. Reflexões sobre as pequenas cidades do norte de Minas Gerais (BR). ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 15. 2008. São Paulo. Anais... São Paulo: AGB, 2008.

SANTOS, Milton. Espaço e sociedade: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: HUCITEC, 1988.

_____. A urbanização Brasileira. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1994. (Estudos urbanos; 5).

_____. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008. (Coleção Milton Santos; 11).

_____. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Edusp, 2009. (Coleção Milton Santos; 1).

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SILVA, Anieres Barbosa da; GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Valdenildo Pedro da. Pequenas cidades: lugares geográficos do Rio Grande do Norte. SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 7., 2001, São Paulo, Anais... São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001. Não paginado.

_____. Pequenas cidades: uma abordagem geográfica. Natal-RN: Edufrn, 2010.

VEIGA, José Eli da. Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2003.